

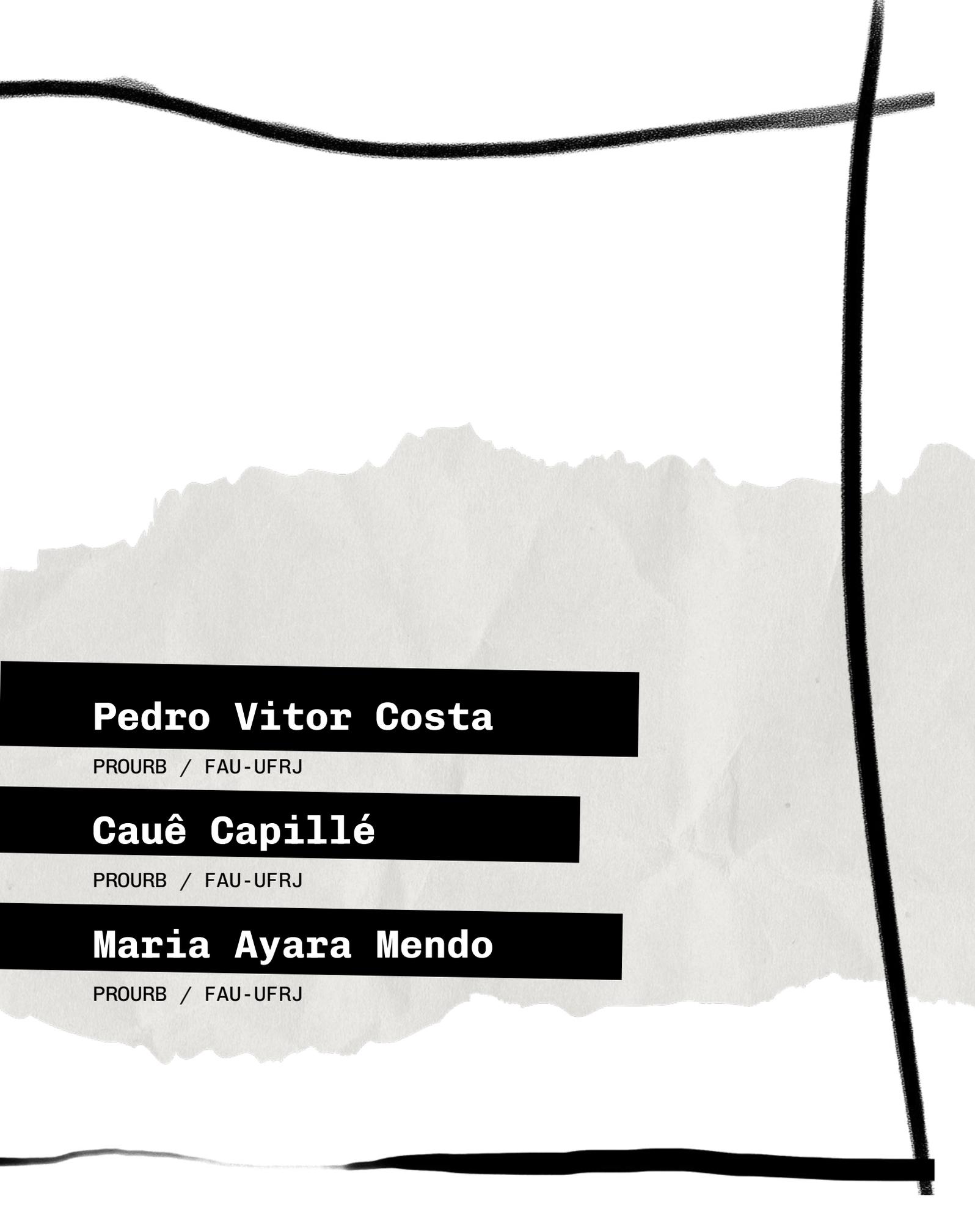


ENSAIOS



A doméstica de Magé:

uma arquitetura em oito atos



Pedro Vitor Costa

PROURB / FAU-UFRJ

Cauê Capillé

PROURB / FAU-UFRJ

Maria Ayara Mendo

PROURB / FAU-UFRJ

A doméstica de Magé: uma arquitetura em oito atos

Resumo

Este ensaio busca construir uma leitura do espaço metropolitano a partir das narrativas do cotidiano de oito domésticas negras, moradoras de Magé, que trabalham como empregadas domésticas em casas dos bairros ricos do Rio de Janeiro. Em particular, essa leitura permitiu observar tanto o papel infraestrutural de certos elementos da arquitetura na construção desse cotidiano - a arquitetura funciona como um dispositivo ordinário, um fundo aparentemente neutro e natural sobre o qual profundas relações de poder herdadas do período colonial se manifestam - quanto certas inter-relações fundamentais entre as memórias dessas mulheres, seus corpos em travessia, seus sonhos e a história da cidade onde habitam. O artigo apresenta essas observações através de oito tempos fundamentais, extraídos das oito entrevistas: um dia comum, que de três em três horas denuncia e entrelaça os corpos na diáspora, o tempo que não tem início nem fim e os territórios herdados.

Palavras chave: Trabalhadora doméstica, Arquitetura, Magé, Cotidiano, Corpo

La empleada doméstica de Magé: una arquitectura en ocho actos

Resumen

Este ensayo propone realizar una lectura del espacio metropolitano a través de las narrativas cotidianas de ocho mujeres domésticas negras, que viven en Magé y trabajan como empleadas domésticas en apartamentos de los barrios acomodados de Río de Janeiro. En particular, esta lectura permite observar tanto la importancia infraestructural de ciertos elementos de la arquitectura en la construcción de la cotidianidad - la arquitectura funciona como un dispositivo ordinario, un escenario aparentemente neutro y natural sobre el cual se manifiestan las profundas relaciones de poder heredadas del período colonial, así como ciertas interrelaciones fundamentales entre la memoria de estas mujeres, sus cuerpos en travesía, sus sueños y la historia de la ciudad donde viven. El artículo expone estas relaciones a través de ocho momentos fundamentales, extraídos de las ocho entrevistas: un día común, que cada tres horas denuncia y entrelazan sus cuerpos en diáspora, los territorios heredados y el tiempo que no tiene ni principio ni fin.

Palabras clave: Empleadas domésticas; arquitectura; Magé; cotidiano; cuerpo

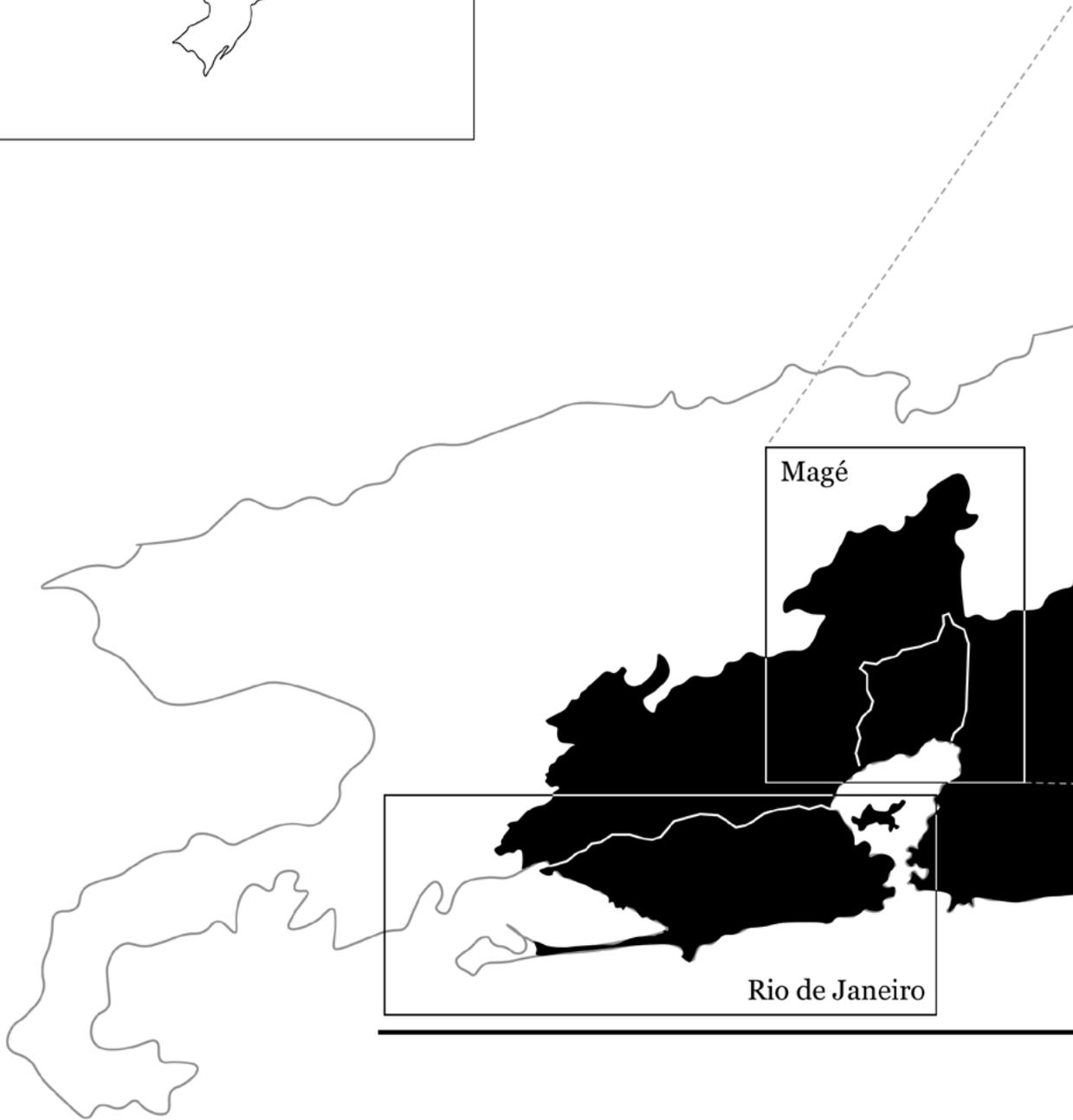
The Magé household: an architecture in eight acts

Abstract

The essay reads the metropolitan space from the daily narratives of eight black domestic workers, residents of Magé, who work in houses in the wealthy neighborhoods of Rio de Janeiro. In particular, this reading allowed observation of both the infrastructural function of certain elements of architecture in the construction of this daily life - architecture functions as an ordinary device, an apparently neutral and natural background on which deep power relations inherited from the colonial period are manifested - as well as certain fundamental relationships between the memories of these women, their bodies crossing the metropolis, their desires and the history of the city where they live. The article presents these observations through eight fundamental times, extracted from the eight interviews: a common day, which, at every three hours, denounces and intertwines the bodies in the diaspora, the time that has no beginning or end, and the inherited territories.

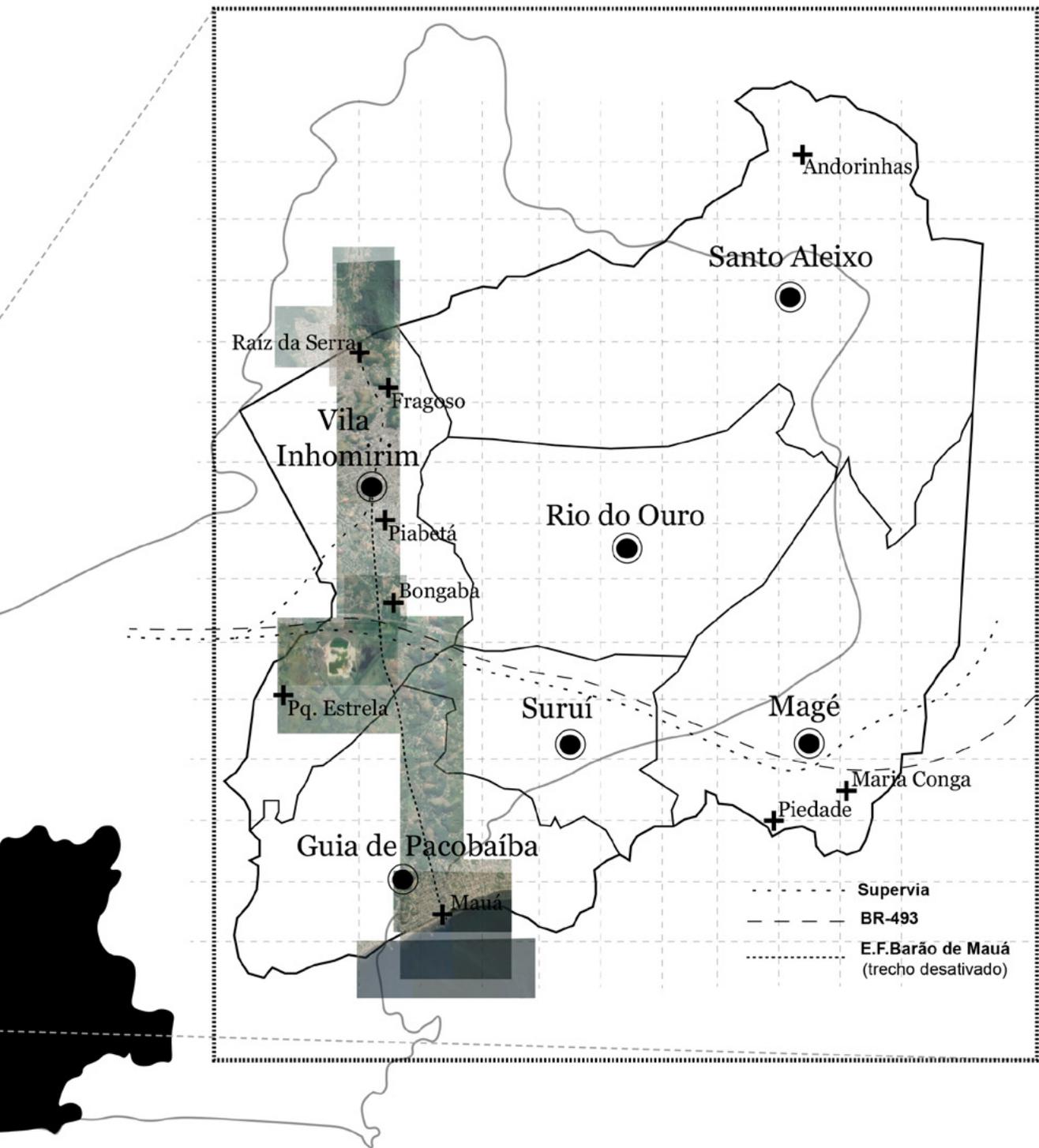
Keywords: Domestic workers; architecture; Magé; daily life; body



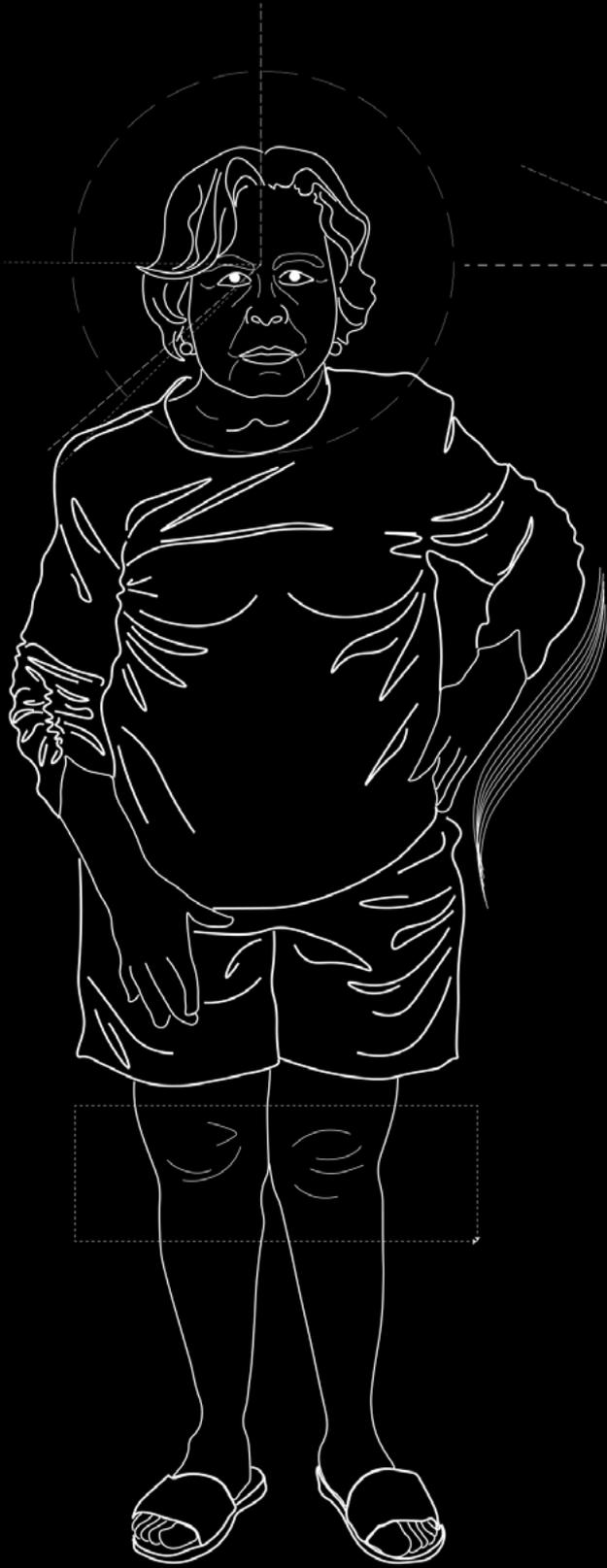


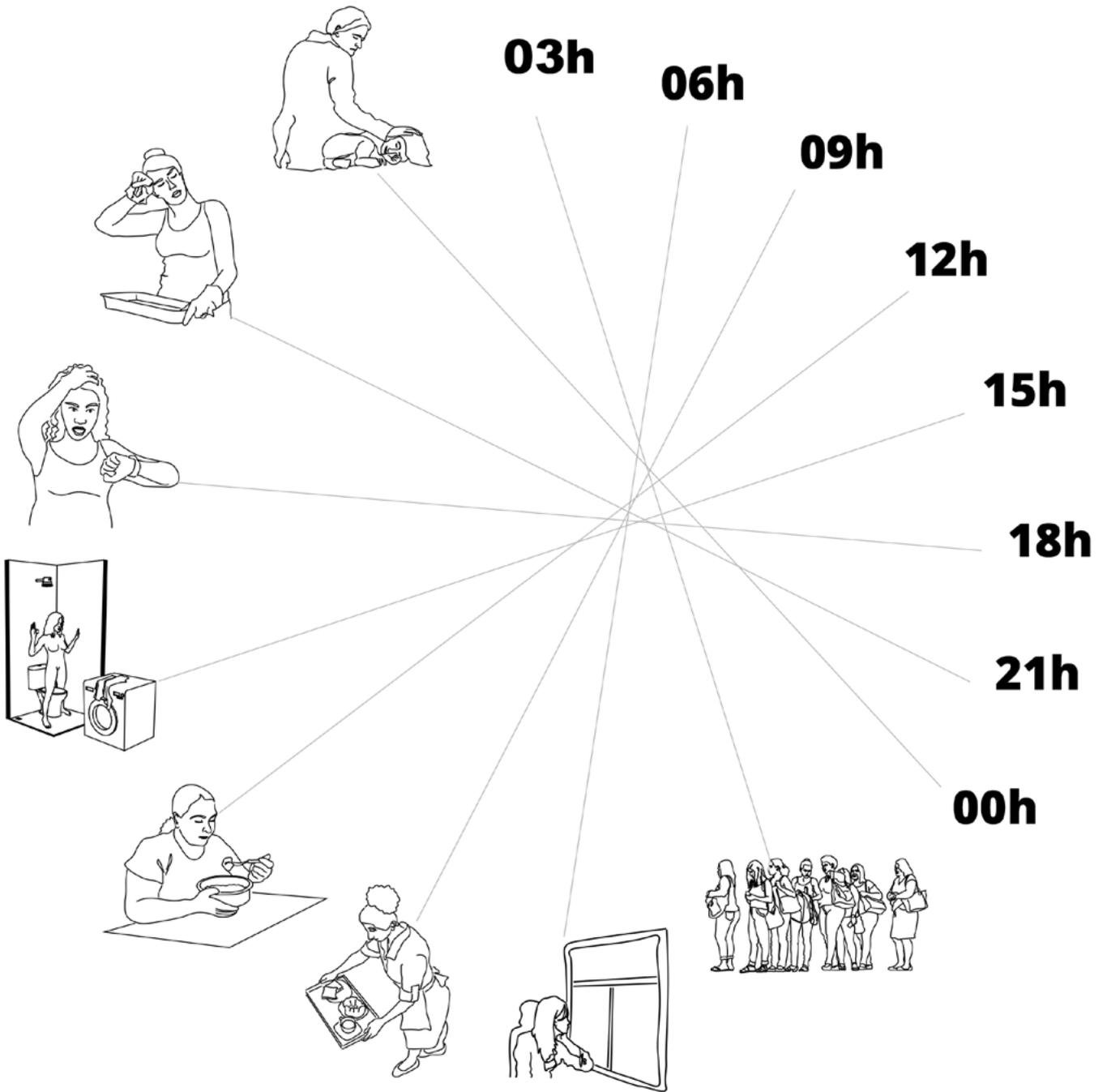
Magé

Rio de Janeiro



Região Metropolitana Do Rio de Janeiro





1990
Conga é considerada heroína de Magé

Guapimirim se emancipa e Magé perde o título de "Cidade do Dedo de Deus"



Árvore Mirindiba, símbolo indígena Morro do Bonfim, Centro

1530
É documentada a chegada do primeiro migrante português, André Gonçalves, pelo rio Magepe-Mirim (atual, Inhomirim)

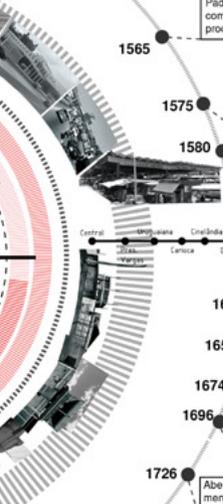
1534
O navegante Martim Afonso de Souza tem sua passagem pelo rio Magepe documentada

1555
Pero Góes da Silveira se torna o primeiro português, documentado, a passar pelo território

1575
Após a passagem dos primeiros portugueses, chega ao território indígena o Padre Anchieta, tem início a primeira comunicação entre povos e início do processo de catequização e dizimação

1580
Simão da Motta, navegante português, recebe o território como sesmaria, prêmio pela sua contribuição no processo de expulsão dos franceses, com ele escravos negros e dependentes, ocupando a área do morro da Piedade

1580
Dizimação dos índios Tamoios e início do processo de produção de açúcar



1648
Expansão do território, início da ocupação da região de Guia de Pacobaíba

1650
Edificação da Capela N. S. da Estrela, ocupação do futuro Porto Estrela

1674
Ocupação do litoral navegável, início de atividades comerciais

1696
Região é elevada à Freguesia de Magepe, construção da Igreja N. S. de Inhomirim

1726
Abertura da 3ª Estrada Real para escoamento do Ouro vindo das Minas Gerais, caminho baseado em trilhas indígenas

1747
Ergue-se a igreja Matriz N. S. da Piedade, consolidando a importância estratégica e ocupação do território

1755
Guia de Pacobaíba é elevada à Freguesia

1789
Documenta-se a existência de aproximadamente 170 casas entre o morro da Piedade e o Rio Inhomirim (Porto Estrela)

1822
12 anos, Maria Conga chega ao porto de Salvador

2008
Conga se emancipa e Magé perde o título de "Cidade do Dedo de Deus"

2019
Conga recebe a cidadania espanhola, sonho em deixar de ser doméstica para trabalhar como costureira

2019
Primeira a abrir um negócio no sul do Brasil

2019
Primeira a abrir um curso de costura



Poço Bento, 1565, Piedade



Igreja N. S. da Piedade de Inhomirim, 1696, Piabetá



Capela N. S. dos Remédios, 1740, Mauá

Central do Brasil

Terminal Rodoviário Prefeito Renato Cozzolino



Igreja São Nicolau, 1750, Surui



Igreja N. S. da Piedade, 1750, Centro



Ruínas da estação Guia de Pacobaíba, 1854, Mauá



Ruínas do Porto Estrela, Parque Estrela, 1816



Fazenda Magepe-Mirim, 1750, Centro



Início do Loteamento em torno da Estrada de Ferro, Piabetá, 1948



Quilombo Maria Conga, 1854. Único quilombo reconhecido da Baixada Fluminense, Centro



Igreja N. Sr. do Bonfim, 1790, Centro



Sede da Fábrica de Pólvora Estrela, 1826, Raiz da Serra



Fábrica Andorinhas, 1891, Andorinhas



Oito entrevistadas

Magé se enquadra no que conhecemos como cidade-dormitório, isto é, núcleo urbano onde a maior parte de sua população trabalha fora dele, passando o dia em outro epicentro, geralmente a capital, retornando à própria cidade apenas para dormir. Os moradores de Magé, que trabalham na metrópole do Rio de Janeiro, principal destino de postos de trabalho, percorrem aproximadamente 60 km todos os dias. O movimento pendular é traduzido em grande gasto de tempo no trânsito. Dentre esses trabalhadores, estão centenas de domésticas que muitas vezes passam de 3 a 5 horas por dia no trajeto, no interior do transporte público. Este ensaio busca construir uma leitura do espaço metropolitano a partir das narrativas do cotidiano de oito mulheres negras, moradoras de Magé, que trabalham como empregadas domésticas em casas dos bairros ricos do Rio de Janeiro.

O Brasil é o país com a maior população de domésticas do mundo: são 6,2 milhões de trabalhadores domésticos, segundo estudos do IPEA de 2015¹. Sendo 5,7 milhões de mulheres. Dessas, 3,7 milhões são negras e pardas e 2 milhões brancas, todas marcadas pelo baixo nível escolar. Há, podemos dizer, a atualização de estruturas sociais e políticas herdadas de um período colonial marcado por 353 anos de escravidão, no qual o espaço construído teve um papel fundamental, materializando e naturalizando relações de domínio, sintetizada em esquemas como “casa grande-senzala” e centro-periferia. Entretanto, se no período escravagista o espaço servia abertamente para a manutenção desse domínio, no último século, diante de retóricas abolicionistas e de igualdade, o espaço não pôde servir abertamente para essa função. Ao mesmo tempo, se os esquemas sociais e políticos permanecem (ganhando novos nomes, mas mantendo o esquema fundamental), nos perguntamos qual seria o papel do espaço nessas novas formas de antigos domínios.

Em particular, considerando o caso específico das trabalhadoras domésticas moradoras de Magé, nos perguntamos como o espaço fica inscrito em seus corpos e, de alguma maneira, os define (JACQUES, 2004). Como a manipulação dos espaços e os objetos arquitetônicos podem marcar o corpo, o tempo que não tem fim e os territórios herdados em função da manutenção de lógicas opressivas?

Nos debruçamos sobre essas questões a partir de entrevistas a oito mulheres, moradoras de Magé e trabalhadoras domésticas. No encontro com as oito entrevistadas, elas reconstroem a sua travessia cotidiana inscrita no tempo-espaço Magé-Rio de Janeiro e, desse modo, revelam as marcas que o espaço, em diversas escalas - territorial, urbana e arquitetônica - imprime nos seus corpos. Foram entrevistas de 10 a 30 minutos de duração, informais, levantando perguntas como: Por que começou a trabalhar como doméstica? / Se pudesse, o que mudaria na sua cidade? / Qual é seu espaço preferido na cidade? / Qual é seu sonho? / Se sente realizada? / Quais imagens vem à cabeça ao se lembrar do percurso entre casa e trabalho? / Acha que a vida seria diferente se não nascesse mulher? / Já se sentiu humilhada no trabalho?

Nossa etapa seguinte foi projetar uma narrativa a partir dessas entrevistas. Dito de outra forma, esta narrativa construída como um projeto permitiu recriar, a partir dos relatos, um cotidiano comum, traçado por suas rotinas praticamente iguais na sequência dos fatos, ainda que haja diferenças de gerações. Este cotidiano cíclico entrelaça as arquiteturas dos espaços vivenciados e suas escalas metropolitanas, infraestruturais e domésticas; as histórias e memórias da cidade que habitam; e os próprios corpos dessas trabalhadoras, em diferentes gerações. Em particular, o trabalho revela que, das horas aos séculos, do tijolo ao mapa, da conversa fiada aos grandes acontecimentos históricos, é possível entender o espaço como dispositivo imbuído de uma profunda potência política, articulando formas de poder e possibilidades de (re)existências.

A "doméstica de Magé" (no singular) se torna um arquétipo capaz de revelar a experiência do cotidiano de uma empregada doméstica, apoiada nas histórias reais narradas. O fracionamento em períodos de três em três horas marca o dia comum em oito atos fundamentais da relação entre arquitetura, cotidiano, memória, corpo e território.



Narrativa-projeto em oito tempos

3:00

“Explorada a gente sempre é né? A gente trabalhava a vida inteira pra ganhar uma mixaria, não me lembro nem o nome do dinheiro. Dormia no emprego, ficava a semana toda. Depois que meu marido faleceu, tinha que voltar todo dia pra ficar com os filhos, saía às 3h da manhã e chegava 22h em casa...”

Em plena década de 1930, mais precisamente em 1932, nasce, na cidade de Rio Doce, nossa primeira personagem em uma área rural, onde vivia a maior parte da população brasileira naquela década, enquanto Getúlio Vargas assina o decreto que concederia o voto à mulher brasileira, ainda, com inúmeras restrições como: a exigência do contrato matrimonial e, também, a permissão do marido para o exercício da cidadania. A mulher brasileira sobe um dos mais importantes degraus na luta pela igualdade, inicia-se uma escalada rumo à conquista de sua participação política. Esse acontecimento representa o início da construção da mulher como atriz social, numa sociedade estruturalmente machista.

Isso significa que durante 400 anos de domínio europeu sobre o Brasil (estamos na década de 1930), a construção das cidades é guiada por uma lógica patriarcal branca, que influenciará desde o desenho da casa até o traçado das ruas. Essa influência é responsável pelo silenciamento da mulher como agente fundamental na construção da cidade que passa refletir e se organizar a partir de uma visão masculina sobre a realidade (MUXÍ, 2018).

Se a planta doméstica é construída para delimitar a vida pública da mulher branca europeia, deixando-a excluída e à margem do ambiente urbano², Ivone, com sangue negro e indígena, não estará apenas à margem, mas marginalizada pelos próprios espaços que ocupa em seu cotidiano. Diante de tal realidade,

[...] o grande desafio vem sendo o de construir um espaço sem gênero nem ordem patriarcal e, portanto, sem hierarquias, um espaço para visibilizar as diferenças um espaço de todas e todos, em igualdade de valores, saberes e experiências, frente a essa exclusão feminina é preciso repensar a cidade e a lógica urbana com objetivo de incorporar no cotidiano questões que tangenciam a realidade de homens e mulheres (MUXÍ, 2018, p.24).

No decorrer das décadas de 1930 a 1950, a expulsão dos trabalhadores do campo pela mecanização do trabalho potencializa o movimento de êxodo, assim a população expulsa segue em direção aos grandes centros na busca pela sobrevivência. A população vinda do campo encontra centros urbanos marcados por intensas disputas sociais, refletidas em disputas territoriais (MARICATO, 2000). Expulsos dos "centros", essa população busca nas tangentes das linhas férreas, regiões passíveis de serem ocupadas (VILLAÇA, 1998). A lógica centro-periferia se consolida como articuladora do cotidiano periférico, ou seja, durante esse processo de ocupação, caracterizado, principalmente, pela autoconstrução, as cidades metropolitanas nascem pela necessidade causada pela exclusão.

Ao chegar na cidade de Magé, na década de 1950, Ivone se casa com um descendente de imigrantes portugueses, também expulso do campo. Juntos constroem o casebre de pau a pique, à beira de um riacho. Uma paisagem que aos poucos vai se redesenhando lote a lote. Gradativamente, o verde dá lugar ao vermelho do barro das pequenas habitações que se multiplicam ao redor dos rios que se tornam destino do esgoto, processo comum nas regiões periféricas do Rio (VESCINA, 2010).

À Ivone, cabe o trabalho doméstico na casa de famílias abastadas das áreas mais privilegiadas da capital, espaço que sempre lhe foi imposto e designado. Sua rotina se inicia às 3h. Apanha o trem na estação Entroncamento (Piabetá) e precisa estar, preferencialmente, às 7h na casa de seus patrões no bairro do Leblon, Zona Sul do Rio. Por conta da distância, é obrigada a permanecer todos os dias da semana na casa em que trabalha. Seus dias se reservam à área de serviço, ou, dito de outra forma, o que o mercado imobiliário preservou da senzala em solos urbanos contemporâneos.

Na periferia, as comunidades se fortalecem, a natureza recua e a região peri-metropolitana se constrói a partir de movimentos de segregação e exclusão, numa urbanidade emergente marcada pela precariedade e ausência de infraestruturas urbanas básicas³ (FARIAS, 2012).

Ivone é engolida pelo cotidiano, sem memória de luta ou resistência, sem se reconhecer no espaço e no território urbano. Se enxerga como um ser do presente, presa aos ponteiros. Ao descendente dos negros e indígenas dizimados, resta apenas sobreviver.



06:00

“Apesar de todo trabalho e sufoco, às vezes acho que o trajeto chega ser mais cansativo que o trabalho em si...”

Foi na altura de Manguinhos que Vanda despertou num susto. A cabeça, por horas encostada no vidro, logo se alinhou à coluna buscando na paisagem um ponto de referência capaz de revelar-lhe onde estava. O castelo mourisco da FioCruz, aponta sua localização. Apalpou a bolsa e os bolsos em busca do celular, o alívio de encontrar o aparelho logo foi substituído pelo espanto de saber que já eram 6h. Se o ônibus saiu exatamente às 4h20m de Magé, conclui que passara 1h40min no trajeto, mas ainda faltava um tanto até a Central. Somando o tempo no metrô, percebe que só conseguirá chegar no trabalho às 7h30min. São aproximadamente 4h de trajeto diário: sem engarrafamentos, são 2h indo e 2h retornando. 4h diárias em trânsito; 20h semanais; 80h mensais; 960h anuais. Considerando uma média de tempo de trabalho de 35 anos; são 33.600h; 1400 dias; 47 meses. Aproximadamente 4 anos ininterruptos dentro do transporte, o equivalente ao sonho de Vanda: se formar em Enfermagem. Sonho que permanece latejante em sua cabeça nessas longas horas observando a cidade pela janela do ônibus, especialmente ao ver aquele castelo onde se produzem vacinas.

A experiência urbana através da janela do ônibus resume e delimita a condição desse corpo no meio urbano. Os olhos observam a paisagem como frames de um filme que se repete diariamente. Através do vidro não é possível ouvir o diálogo entre o jornaleiro e o torcedor do Vasco, não é possível sentir o cheiro do pão francês acabando de sair do forno.

Estar em trânsito significa estar

[...] eternamente suspensos entre um ‘antes’ e um ‘depois’ - momentos elípticos e impregnados que nunca se resolvem realmente. Há um enorme reservatório de ansiedades psicológicas em seu trabalho, uma sensação de histórias reprimidas sob a superfície calma (CREWDSON, 2004, s.p.).

A conceituação feita por Gregory Crewdson sobre o sentimento presente nas pinturas de Edward Hopper consegue definir algo que se aproxima da condição de estar espacialmente localizado no veículo coletivo: posicionado em fileiras, a frente alguém de quem provavelmente não se saberá mais que a cor do cabelo, ao lado de alguém

que, obviamente, não deseja ser incomodado, mas que às vezes deixa escapar um “bom dia”, “desculpa” ou “com licença”. Entretanto, a quantidade de tempo passado no ônibus constrói relações e situações que expõem conflitos inatos ao espaço público, ainda que a condição de trânsito represente um descolamento da vivência nos espaços públicos da cidade. Em síntese, o trânsito conforma uma espécie de espaço coletivo mandatório, principalmente para os moradores das periferias metropolitanas (CAPILLÉ, GONÇALVES e SOVERAL, 2021).

A experiência vivida por Vanda pode ser facilmente reproduzida pela lente de uma câmera, que consegue transmitir e traduzir a relação que essa mulher possui com a cidade nos poucos momentos em que não está mergulhada no trabalho. A possibilidade de reprodução dessa experiência se assemelha ao processo de reprodutibilidade identificado por Walter Benjamin em “A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica” ([1935] 1987), onde o filósofo contesta o valor da arte em um período industrial de produção em massa. Uma experiência urbana reprodutível anula a “áurea” e o valor de uma experiência fundamental com o espaço na construção do ser político? O vidro seria o dispositivo capaz de, apesar de manter o contato visual e anunciar uma certa relação com exterior, impedir uma conexão entre esse indivíduo e o espaço físico. O vidro, a janela, o ônibus formam um ambiente que reforçam uma condição de anestesia.

A experiência espacial de Vanda pode ser dividida em três momentos: casa, cidade, trabalho. Privado, (semi)público, privado. Doméstico, urbano (em trânsito, gerido por uma empresa privada), doméstico.

9:00

“Se eu entrar num shopping pra passear... Aí eu já acho que eu tenho uma mania de perseguição, eu já penso que o segurança toda hora tá olhando, porque é negro, né?! Já pensa que é bandido. Um dia eu fui no Shopping Leblon, tô sentada lá... tava chovendo, aí sentei em frente uma loja, aí veio um moço e ficou sentado (faz gesto de tempo passando). Eu pensei logo que ele estava vigiando o que eu ia fazer, o que eu ia falar... aí eu não sei se é a minha mania de perseguição ou se é porque eu sou negra... não sei...”

O relógio anuncia 9h. Cris arruma a mesa do café da manhã pela segunda vez. Às 8h, precisou arrumar a mesa para o Sr. Cavalcante. Às 9h, a mesa precisa ser repostada



para Dona Cláudia que precisa seguir à risca sua dieta, milimetricamente calculada. A patroa aproveita para lembrar a Cris que ela precisa usar o uniforme. Cris odeia usar o uniforme. A roupa parece marcar seu corpo como pertencente a uma categoria inferior, serve para lembrar, a ela e a todos, sua posição como serviçal. Após retirar a mesa de Dona Cláudia, leva Gucci, o bulldog da família, para passear, enquanto Juninho não acorda. Juninho, quando se levantar, precisa ter a mesa posta novamente. O cachorro da família Cavalcante só sai com seus sapatinhos protetores, que custaram o valor do curso de inglês que Cris sonha em dar para o próprio filho. Os sapatinhos estão perdidos no meio de toda a bagunça deixada no quatinho da empregada. Agora que a família não pode pagar por uma doméstica que durma no trabalho, tudo que não serve mais é deixado nas dependências de serviço que, minúsculas, se tornam praticamente intransitáveis. Cris desce pelo elevador de serviço e aproveita para levar o lixo.

Ao caminhar pelo quarteirão se sente envergonhada de usar a roupa que não lhe veste bem e é, inteira, branca. Em meio à bela arborização da rua com iluminação e pavimentação, ela se sente uma intrusa. É moradora da cidade de Magé, porém a maior parte do tempo que passa na própria cidade se reserva entre os muros de sua residência. Aos finais de semana não ultrapassa o portão, pois precisa fazer todas as tarefas da própria casa. Quando não está em casa, está no ônibus, experiência que resume sua existência cotidiana em esfera pública. Cris não tem tempo para realmente refletir sobre isso, apenas deixa a paisagem passar diante dos seus olhos, sem se questionar ou pensar quando deixou de pertencer à cidade. A domesticidade se torna uma condição, o presente se resume a uma interminável repetição, onde apenas se agradece por sobreviver.

A área de serviço, espaço da casa o qual lhe foi destinado, não possui janela, apenas um basculante que mal se abre, voltado para o prisma central do edifício. As dimensões mínimas e materiais em más condições de conservação gritam a todo momento a posição que Cris ocupa na casa, na cidade. A iluminação branca e ofuscante a deixa alerta. Em constante estado de tensão, precisa terminar todos os afazeres para sair o mais cedo que puder, precisa sair antes da volta do Sr. Cavalcante. Sente repulsa ao lembrar que a distância entre a pia e o armário serve de desculpa para que o homem "sem querer" esbarre seu corpo no dela, vulnerável, submissa e ocupando o espaço das coisas sem utilidade.

Enquanto espera a máquina terminar de bater a roupa, manda um áudio para uma amiga que trabalha há alguns quarteirões dali e as duas marcam de se encontrar na estação General Osório e ir embora juntas. A conversa é interrompida pelo chamado de Juninho. Se

apressa. Ao passar pela cozinha, é tomada pela angústia da lentidão das horas, denunciada pelo relógio moribundo, que parece perdurar anos naquela área de serviço.

Em uma belíssima cena do filme *Roma*, a personagem principal Cleo (doméstica que trabalha na casa de uma família de classe média alta em Colonia Roma, no distrito Cuauhtémoc, no México, em plena década de 1970), lava a roupa no terraço da casa quando o pequeno Pepe, filho mais novo dos patrões, a interrompe em uma brincadeira. Por um momento Cleo se permite deitar sobre o piso elevado e confessa: “- Estoy muerta!”, logo a câmera se eleva revelando um mar de roupas estendidas por todos os terraços do bairro, com suas respectivas domésticas realizando a mesma atividade de Cleo. A cena captura com maestria um cotidiano solitário compartilhado entre as trabalhadoras. Todas presas em suas tarefas cotidianas, separadas espacialmente, unidas por uma história desconhecida pela maioria. As paisagens e o espaço que tocam esse corpo são responsáveis por reforçar um passado de submissão e apagar memórias de luta. Impedem a materialização de uma consciência coletiva essencial à atividade política. A cidade que se ergue sobre essas domésticas conserva paisagens, marcos e dimensões responsáveis por fazer a manutenção de um aprisionamento colonial, condenando o corpo e a subjetividade dessas mulheres.

O uniforme, a área de serviço, o transporte público precário e a periferia atingem diretamente a autoestima. O espaço que individualiza e vulnerabiliza rompe as possibilidades de ação e reação. O shopping, frequentado pela classe mais alta da cidade, seleciona cordialmente os corpos.

12:00

“Na casa da minha patroa, se eu quisesse comer uma coisa diferente eu tinha que levar. Ela só comprava pra gente comer ovo, arroz, feijão e músculo. Se quisesse comer um carré, eu tinha que levar de casa. Biscoito tinha que levar de casa. Na casa dela não comia nada, não podia comer nada. Um dia minha filha foi comigo, eu tinha que levar tudo, não podia pegar nada dela, aí a empregada foi pegar uma coxinha de frango e ela falou que quando pegar qualquer coisa tinha que falar com ela. Perguntar se poderia pegar, pedir permissão. É humilhação isso, é muita humilhação. Todo mundo que chega na minha casa pode comer tudo. Eu tinha que levar papel higiênico, shampoo, pasta de dente, uma fruta tinha que levar de casa. Quando a gente comia algo ela falava pra não comer,



aí quando estava estragando ela dava pra gente. Quando tinha carne boa não podíamos comer. Pra gente era só músculo, músculo e músculo. Lá era uma prisão, eu não aguentava ficar lá, eu trabalhava de babá pra duas crianças e não ganhava por isso. Eu pedi pra ela pra vir embora quarta-feira e ela achou ruim porque ia gastar mais dinheiro de passagem. O dinheiro faz falta, mas o dinheiro dela eu não sinto falta, juro por Deus. Você perde tudo, você passa mal, fica doente, fica estressada, deprimida. Nem televisão no meu quarto eu tinha, ficava no celular, tristeza, cara. A gente era prisioneira lá, o quatinho era pequeno, só cabia o guarda roupa, tinha um banheiro e a cama. Eu não tinha nada, no calor eu sofria, uma vida de cão..."

Maria termina de colocar a mesa, às 12h. Ela retorna para área de serviço em busca de sua marmitta. O pote ocupa metade da sua bolsa e pesa um pouco, mas desde que foi proibida de comer qualquer coisa da geladeira da casa em que trabalha, prefere levar sua própria comida a comer as sobras de músculo e frutas esmaecidas deixadas pela patroa: "- Maria, se quiser comer eu deixei isso aqui separado pra você, a gente não gosta de misturar as coisas aqui em casa."

O movimento entre a sala de jantar e a cozinha revela muitos fragmentos de uma história construída sobre camadas segregacionistas. A planta é constituída por divisórias e divisões responsáveis pela composição dos ambientes e a conformação do espaço doméstico, também feito de algumas divisões essenciais para o processo de construção das relações sociais brasileiras. A planta do apartamento onde Maria trabalha é capaz de apontar alguns processos nos quais as divisões sociais se edificam. A construção do ambiente está completamente relacionada com o desenvolvimento econômico da sociedade ocidental, gatilho do enrijecimento de estruturas responsáveis pela manutenção e conservação de tais estruturas.

A domesticidade se torna um dispositivo indispensável para o exercício disciplinante de uma ordem social consolidada. A palavra "domesticidade" deriva da palavra "doméstico". A origem da palavra "doméstico" conota a relação de pertencimento ao domus, à economia da casa. Aquele ou aquilo que pertence a uma economia familiar. Família, por sua vez, é uma instituição indispensável para o desenvolvimento histórico da economia, uma vez que o ambiente doméstico passa a configurar a articulação entre três relações: "a relação despótica entre mestre e escravo, a relação conjugal entre marido e esposa e o relacionamento paternal entre pais e filhos" (AURELI; GIUDICI, 2016).

A hierarquia intrínseca em um ambiente doméstico é a condicionante da existência de um relacionamento subalterno, naturalizado pelo conceito de família (AURELI; GIUDICI, 2016),⁵ que, inicialmente, se refere a todo indivíduo pertencente à propriedade. Escravos e parentes, circunscritos num espaço comandado por um líder patriarcal. Portanto, "família" como conhecemos hoje, deriva de uma conformação de relações de submissão, cujo objetivo é garantir a reprodução de uma ordem geral da sociedade (AURELI; GIUDICI, 2016) então a família está mais ligada ao direito à propriedade do que aos laços biológicos e afetivos a qual é comumente atrelada.

Portanto, o fato de o homem estar ligado ao ambiente público e a mulher ao privado (AMANN, 2005) presume que a mulher é designada ao espaço onde se desenvolvem as atividades responsáveis pela manutenção da vida humana. A mulher estará relacionada ao lar, ao cozimento dos alimentos, à reprodução e o homem estará ligado às atividades que acontecem no âmbito social, público, político.

Atualmente, as hierarquias e divisões se sobrepõem e são expressas no apartamento em que Maria trabalha. A planta reafirma a condição da mulher como pertencente ao ambiente de serviço, isolado do âmbito social e público. Sobreposto a essa realidade, existe o histórico escravagista de um país marcado pela exploração colonial europeia que irá enclausurar Maria na condição de mulher, negra e pobre.

Com o fim do sistema feudal, emergem importantes relações e configurações urbanas e econômicas que irão ditar uma transição econômica irrevogável. Marx identifica esse processo no momento em que as relações comerciais são pautadas pelo lucro e pela acumulação, chamada por ele de "acumulação primitiva"⁶. Esse processo será responsável por separar o produtor dos meios de produção. Isto significa que um indivíduo detém poder sobre a produção, enquanto outro possuirá apenas o poder de sua força de trabalho, essa realidade será agravada pela mecanização do campo e substituição da força de trabalho humana por máquinas. O trabalhador será forçado a se mudar para os centros urbanos em busca de condições de sobrevivência, tendo apenas seu corpo como ferramenta de trabalho, estando vulnerável a qualquer imposição e condição de subalternidade.

Esse processo é revelado também e principalmente no âmbito doméstico, quando a mulher é aprisionada cada vez mais no interior como forma de preservação da economia familiar e manutenção da propriedade privada. O corpo feminino é condicionado ao trabalho sem remuneração numa romantização propositiva do feminino como condição

de cuidadora, maternal. A área de serviço e a cozinha, separadas do âmbito social da casa, serão responsáveis por naturalizar espacialmente essa dinâmica (AMANN, 2005).

Quando Maria passa pelo corredor, indo da cozinha à sala de jantar, do espaço mais privado ao espaço mais público, apenas para servir e oferecer sua força de trabalho, significa que lógicas de controle e subalternidade, vivas desde a Grécia, continuam moldando os espaços e a vida contemporânea.

15:00

“A gente trabalha o dia todo e nem um banho decente pode tomar. O banheiro é um ovo. O chuveiro fica em cima do vaso e molha tudo, o banho é de perna aberta ou sentada no vaso, né? A gente cansada, doida pra ir embora, ainda tem que secar o banheiro...”

Quando o alarme toca avisando que é hora de lembrar Dona Silvia do seu remédio, um certo alívio percorre as veias de Zuca: 15h. Zuca leva o remédio com um copo d'água para Dona Silvia que não costuma agradecer. Aproveita para terminar de passar pano no último cômodo que faltava, agora falta apenas a cozinha, colocar a roupa pra bater e finalmente ir embora, umas 16h, ou 16h30min. A hora de ir embora, apesar de representar uma certa alegria em poder voltar para casa, é também motivo de uma angústia entrelaçada à frustração e ressentimento. Zuca precisa tomar banho.

O banheiro social é espaço proibido aos empregados (apenas podem entrar para fazer a manutenção e limpeza). À Zuca é destinado um banheiro sem janela, 1m de largura por 1,40m de comprimento. É importante ressaltar as dimensões, pois elas são responsáveis por gritar nos ouvidos de Zuca, todos os dias, que seu lugar é o espaço mínimo, o mais desagradável, a sobra arquitetônica, a senzala mascarada de “área de serviço”. O pequeno compartimento possui apenas o vaso e logo acima o chuveiro, na mesma direção. O ambiente reservado à empregada doméstica é reduzido de maneira que esse espaço não comprometa a valorização e qualidade espacial do restante da casa grande.

Como Zuca não dorme no emprego, a família, para qual trabalha, guarda todo o lixo e objetos sem uso no quarto de serviço e banheiro. Depois da longa jornada de trabalho, para tomar banho e voltar para casa, Zuca precisa retirar todos esses objetos do banheiro, se desnudar na área de serviço, exposta, vulnerável, para, então, tomar banho. O chuveiro elétrico está queimado. Quando a água fria escorre pelo seu corpo, revela uma figura cambaleante que precisa manter as pernas abertas em volta da bacia

sanitária, se apoiando nas paredes que parecem a todo momento querer esmagá-la. Quando termina, precisa sair molhada, na ponta dos pés, se esgueirando, tentando molhar o mínimo possível da lavanderia. Seu coração acelera a qualquer barulho que indique a aproximação de alguém. Pega a toalha e se seca rapidamente, logo se veste.

A imagem do corpo feminino encurralado por medidas subumanas em condição de completa vulnerabilidade e subalternidade evidencia práticas racistas, machistas e segregacionistas vigentes na nossa sociedade que enxerga a doméstica como "a mucama permitida da prestação de bens e serviços" (GONZALEZ, 1984, p.230). A preservação do valor imobiliário gera uma planta onde o ambiente destinado à doméstica possua as medidas e qualidades mínimas, deixando-a em condições animais. Ser habitante desse espaço é estar abaixo do animal de estimação da família, é ser apenas uma extensão objetificada da casa. O ofício doméstico carrega em si os processos animalizadores que caracterizaram o domínio colonial sobre os corpos negros, responsáveis por solidificar estereótipos indispensáveis para manutenção de uma sociedade racista (NOGUEIRA, 2019).

A separação dos fluxos por espaços sociais e de serviço se mascara num discurso funcionalista pragmático, uma camuflagem que protege e conserva os dispositivos necessários para persistência de uma divisão hierárquica de classes, etnias e gênero. O poder das dimensões como dispositivo de controle e castigo do corpo constrói uma narrativa visual capaz de atingir a autoestima e aprisionar a consciência. O banho, em sua composição imagética, se aproxima do tronco das antigas fazendas de açúcar, coroando o fim de um dia de trabalho com a conformação de uma cena humilhante e depreciativa.

A cozinha, lavanderia, quarto e banheiro de serviço possuem mais que um caráter espacial, revelam a desigualdade e a potência segregacionista de um país marcado por um processo criminoso de colonização, calcado em genocídios e escravização em massa. O chuveiro sobre o vaso não é uma simples economia de espaço: é a reprodução do castigo corporal de alguns séculos atrás. É uma ferramenta espacial responsável por preservar uma condição de subalternidade e subserviência dos povos dominados.



18:00



“Da história de Magé eu só sei daquele valão que passava onde hoje é a praça, que construíram a rodoviária...”

Nana sente o ar voltando aos pulmões quando as portas do metrô se abrem, liberando uma multidão de pessoas que se direcionam para fora da estação como uma manada sedenta em busca de água fresca. Os pés de Nana voltam a tocar o chão e, finalmente, ela consegue sair do vagão. Desceu duas estações antes de seu destino final, Central. Saltou na estação Uruguaiana, precisava comprar fones. Nana se apressa para comprar os fones, dá uma olhada rápida e logo escolhe o branco. Retoma seu trajeto cotidiano, no caminho para Central não presta muita atenção na paisagem em volta. Nada faz muito sentido pra ela. Se aproximam as 18h: é preciso correr para não perder o ônibus das 18h30min. Nesse pequeno trajeto caminhando, a Estátua de Duque de Caxias, sólida sobre o Panteão em frente ao palácio Duque de Caxias, chama a atenção. “-Deve ter sido quem fundou Caxias”, pensa. Não tem tempo para ler a placa, é preciso chegar logo em casa, aproveitar o máximo do pouco tempo que passa com a família.

Nana estudou até a 5ª série, aos 10 anos começou a trabalhar como babá, em sua própria cidade, para conseguir comprar uniforme e material escolar. Logo a rotina se tornou insustentável e precisou deixar a escola. Era interessada por história, porém não consegue lembrar de muita coisa. Em Magé, onde vive, museus e marcos, que não exaltem a última gestão eleita, são incomuns ou inexistentes. É uma cidade sem teatros ou cinemas. O pouco conhecimento de história que tem não envolve a cidade em que vive: apenas se lembra de reis impiedosos e alguns outros tantos homens brancos. A lembrança rarefeita impede que saiba que o homem representado pela estátua, no caminho para Central, foi batizado em sua cidade, na igreja Nossa Senhora da Piedade de Inhomirim, construída em 1696, hoje em ruínas.

A perda da memória de uma cidade significa para o habitante a construção de uma condição onde existe apenas o presente, impossibilitando prospecções e amputando ferramentas de luta e transformações futuras.

Durante décadas, a preservação do patrimônio é uma tarefa ignorada por gestores urbanos da cidade. Esse processo de apagamento, aliado a uma ocupação em massa de imigrantes, torna o passado embaçado e opaco. A ausência de símbolos presume um processo de perda de identidade e da memória. A frágil relação entre indivíduo

e território é responsável pela construção de um cenário urbano marcado pelo encolhimento do coletivo e expressiva ausência da participação popular em decisões urbanas. Tal cenário se reflete em mandatos municipais marcados por corrupção e dissidências. A rua se torna o único espaço de convívio e trocas comunitárias, a rua é o espaço público inevitável e, portanto, o único presente no cotidiano urbano dos habitantes de cidades como Magé.

O grande relógio da Central do Brasil marca: 18h. Nana se apressa. A grande estação, construída em 1937, se impõe na paisagem e direciona Nana para os fundos, o ponto final do ônibus Piabetá-Central é o terminal rodoviário Américo Fontenelle, erguido por estrutura metálica simples, se conformando em uma série de pilares e vigas metálicas cobertos por uma telha de amianto. Inserida em um ambiente caótico e degradante, Nana salta entre uma poça e outra para não molhar os pés na água suja e desvia, ágil, das mercadorias dispostas por toda calçada. O terminal está ao pé do Morro da Providência, local da primeira favela carioca, relevo que marca em sua paisagem as consequências de um processo de urbanização cruel e desigual. Nana não tem tempo para analisar toda essa paisagem. A fila do ônibus é quilométrica e ela se espreme no meio das dezenas de mulheres que na maioria das vezes são como ela: domésticas voltando de longas jornadas de trabalho.

Nana prevê que só conseguirá sair no ônibus às 18h40min, torcendo para que o engarrafamento não esteja muito longo. Calcula que aproximadamente às 20h30m estará em casa. A preocupação com horário também se dá pela violência e insegurança em sua cidade. Uma das melhores memórias de Nana é o tempo em que frequentou a escola, pensa na liberdade de brincar nas ruas da cidade, adentrando noites e clareando madrugadas. O esvaziamento das ruas e aumento constante da sensação de insegurança marca a perda das relações comunitárias e o afastamento do espaço público.

A violência se torna um mal invencível e amedrontador. Nana chega a pensar em voltar para o interior do Espírito Santo, onde nasceu. O esvaziamento das ruas significa para uma cidade, sem espaços públicos de qualidade, o apagamento do espaço político. Em uma analogia à casa, a periferia se torna a área de serviço e a capital a área social⁷. O esvaziamento e desvalorização do espaço público implicam em vivências urbanas afastadas de uma consciência coletiva. A insegurança e precarização dos espaços coletivos passam a reforçar a individualidade e a sensação de desamparo e impotência. A desvalorização da coletividade diminui a importância do mundo político e impede

a construção de narrativas e espaços plurais e inclusivos e se torna solo fértil para o enraizamento de discursos totalitaristas baseados no medo e terror (DOURADO, 2013).

A violência urbana se torna fruto de um processo de desenvolvimento urbano desigual e, ao mesmo tempo, arma de ideologias totalitaristas e segregacionistas. A ausência do estado e da força coletiva na paisagem, no solo urbano, gera uma sensação de desconfiança e decepção constante. A desesperança se torna uma capa de passividade que cobre e sufoca a potência do indivíduo periférico como ator social e urbano.

21:00

“Quando chego em casa tomo um banho,
dou um jeito na casa né, faço comida e cama.
Pra acordar no outro dia dez
pras quatro e começar tudo de novo...”

Enquanto alguns saem do teatro, outros da academia, às 21h, Bila pega sua bicicleta e se apressa para chegar em casa. Precisa chegar antes das filhas dormirem. Vai do centro à sua casa no menor tempo que pode. Depois de uma longa reta onde observa todo comércio local fechado e alguns ainda descendo as portas, vira à esquerda e segue pela rua da sua casa. Sente imensa alegria de estar em casa. Esse é o momento mais feliz do dia para Bila, enfim reencontra suas filhas e pode desfrutar do conforto do lar. O marido, sentado no sofá, se sente tão aliviado quanto Bila, por horas aguardara sua chegada para fazer o jantar. Bila tira apenas o sapato, pega o alho e o sal e está novamente na cozinha.

O trabalho doméstico é, em sua essência, um trabalho efêmero. Atividades como lavar a louça, lavar a roupa, preparar o alimento, são atividades que, depois de completas, logo precisam ser refeitas, conformando um ciclo infundável de repetições. Bila convive diariamente com o fato de exercer as mesmas atividades todos os dias e saber que no outro dia o cotidiano se encarregará de repetir, em uma série cíclica e interminável, todo trabalho doméstico. Retoma uma condição paralisante do estado presente, onde o passado é rapidamente apagado e o futuro previsível.

Em sua obra “A Condição Humana”, Hannah Arendt ([1958]2000) divide a vida humana em três esferas: trabalho, obra e ação política. O “trabalho” está ligado às atividades essenciais para manutenção vital (por exemplo, comer, dormir, cozinhar, cuidar da casa), que ciclicamente nos marcam como seres biológicos: Arendt chama

essa condição de “Animal Laborans”. A “obra” é algo que supera a finitude da vida: conforma nossa possibilidade de produção de coisas que se direcionam à eternidade: apesar de nosso tempo cíclico biológico, podemos produzir uma vida que perdura linearmente. Ação política é fruto da nossa condição de pluralidade, de vermos e sermos vistos por outros que são diferentes de nós – e agirmos através de atos de negociação mútua, nos transformando e projetando novos futuros comuns.

Bila, podemos dizer, permanece quase o tempo todo de sua existência na condição de “Animal Laborans”, isto é, de trabalhadora: tudo que envolve sua existência acontece nos tempos cíclicos da manutenção doméstica.

Quando Bila termina de lavar o último copo, sente sua coluna se contrair em um clamor por descanso e repouso. Passa no quarto das filhas antes do banho. Em um momento de conversa, lamenta não poder testemunhar as diversas ocasiões relatadas no dia delas. No banho, sente a água quente como uma recompensa pelo dia que se finda. Na cama, confere o celular pela última vez, tarde, acalma alguns pensamentos que borbulham, precisa dormir. Fecha os olhos. Enfim, dorme.

0:00

“Eu nunca fui em uma reunião de escola dos meus filhos, às vezes tenho a sensação de que me roubaram isso, sabe?”

Laura se vira e revira na cama, de um lado para o outro até que o lençol se perde na cama. O vento frio a faz estremecer e acordar. Puxa de volta o lençol, mas decide buscar um copo d’água na cozinha. O relógio marca 00h. O silêncio lhe faz pensar. Pensa em quanto tempo não parava para observar, simplesmente observar o céu, o mar... Busca, com esforço, lembranças da última vez que foi ao cinema. Não consegue se lembrar nem mesmo do último filme que viu com as crianças. No meio desse mergulho nostálgico, constata que nunca participou da reunião escolar dos filhos. É atormentada pelo pensamento de que todo tempo se volta para um trabalho interminável, desvalorizado. Pensa no tempo que passou em quartos de empregada, sem janela, nem mesmo um ventilador. Se vê de novo na Disney, dessa vez sem uniforme e correndo junto com as próprias filhas. Às vezes sente que a vida foi vendida a preço de banana. E suas lembranças? Roubadas. Será que sua patroa faria o mesmo por suas filhas?

A monetização e manipulação do tempo é uma ferramenta de dominação do corpo e da memória. O trabalho doméstico consiste numa entrega não só da força física, mas,



muitas vezes, exige uma dedicação emocional não remunerada. Os sacrifícios exigidos de uma empregada doméstica são inversamente proporcionais à remuneração do seu trabalho que carrega as feridas abertas da memória escravagista.

Os espaços vivenciados pelo corpo passam a confinar uma possível ruptura da condição colonial. A desvalorização da experiência política como arma de luta é constatada pela ausência desse corpo em espaços de discussão e construção intelectual por essência.

A doméstica é mantida longe dos espaços que possam incitar profundos questionamentos. O espaço urbano como palco de disputas democráticas perde seu sentido e significado no cotidiano dessa mulher, uma vez que o espaço deixa de ser um ambiente de trocas conscientes e passa a ser palco de trocas passionais convergidas numa busca pela existência, se distanciando da construção de uma consciência de liberdade e pluralidade (JACQUES; VAZ, 2013).

Mesmo estando em espaços coletivos como o ônibus, existe uma sobreposição da individualidade sobre a coletividade. Coletividade tão necessária para o indivíduo que necessita estar atrelado a um grupo ou massa para, numa construção conjunta, sentir que existe um propósito maior que o cotidiano sufocador. O tempo consumido pela desigualdade territorial contribui, inevitavelmente, para tal fenômeno. Isso talvez dê pistas para a força de instituições como os grupos religiosos e a família nas cidades periféricas. Essas instituições passam a representar a única oportunidade desse indivíduo se sentir fazendo parte de algo maior que a finitude de sua própria vida.

Quando a memória de luta e resistência dos dominados é condicionada a um processo de decomposição, a cidade passa a refletir a violência inerente às práticas responsáveis pela subalternização dos corpos dominados. A problemática se conserva no fato de que a memória do dominador é implementada no dominado, mas o cotidiano permanece como castigo de guerra. Em uma lógica onde o tempo se torna escasso ou completamente voltado para o labor, são estabelecidas as condições perfeitas para manutenção de uma estrutura urbana alienante e conservadora de injustiças e desigualdades.

O despertador toca. Laura é capturada de seus sonhos. Abre os olhos. 3h.

Da narrativa-projeto ao projeto de novas narrativas

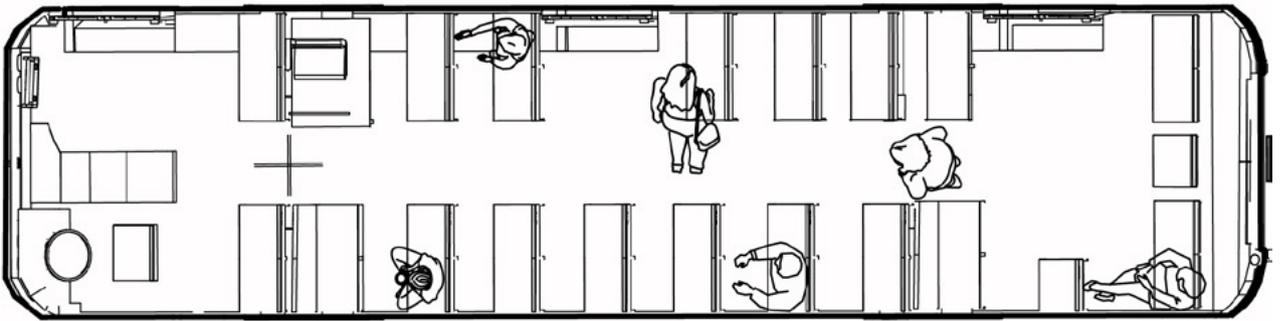
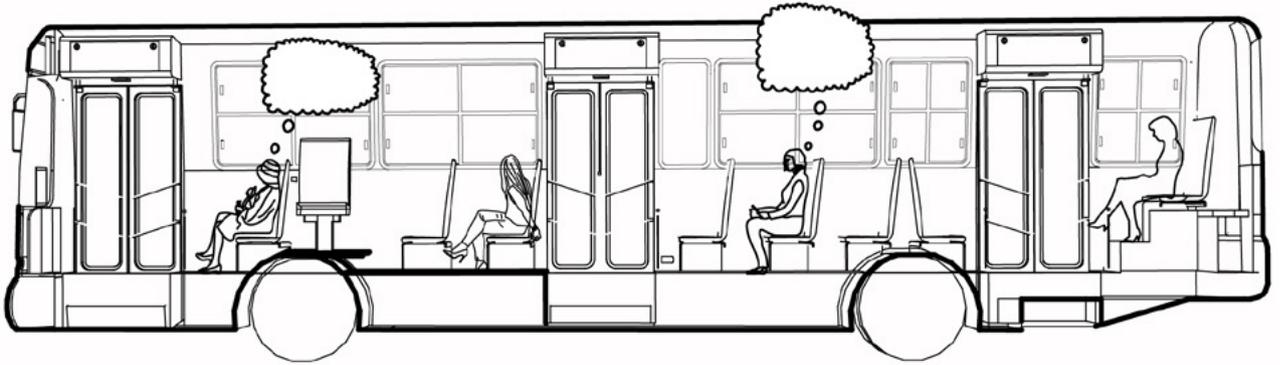
Esta narrativa-projeto permite a observação tanto do papel infraestrutural de certos elementos da arquitetura na construção desse cotidiano – a arquitetura funciona como um dispositivo ordinário, um fundo aparentemente neutro e natural sobre o qual profundas relações de poder se manifestam – quanto de certas inter-relações fundamentais entre as memórias dessas mulheres, seus corpos, seus sonhos, a história da cidade onde habitam e as arquiteturas da metrópole que vivenciam.

Em outras palavras, esse processo de narrar permitiu projetar o espaço real não somente como a leitura meramente espacial o descreveria, mas, principalmente, permitiu compreender entrelaçamentos-chave entre espaços “reais” e “atuais”; memórias vividas e herdadas; e desejos comuns. Nesse processo projetivo de narrativa, esses três tempos existem em igual “realidade” e conformam a arquitetura cotidiana dessas mulheres. Em particular, percebemos três momentos fundamentais da relação entre a arquitetura e o cotidiano dessas mulheres: a própria casa, o ônibus metropolitano e o banheiro de empregadas.

A própria casa dessas mulheres materializa o controle sobre o corpo ao reproduzir uma funcionalização espacial herdada de uma organização do espaço que tinha como objetivo controlar o corpo feminino. Além disso, a construção do papel da mulher como indivíduo responsável pela manutenção da vida aprisiona a doméstica em jornadas de trabalho intermináveis, uma vez que sua própria casa é espaço de trabalho, onde ela refaz todas as tarefas exercidas durante seu expediente.

O ônibus conforma o espaço coletivo onde a empregada doméstica passa a maior parte do tempo em que está ocupando os espaços da cidade. O caráter semi-público e a organização espacial do transporte revelam um espaço guiado por uma ordem funcional que privilegia uma experiência individual. Ou seja, embora o transporte seja, de fato, um espaço coletivo mandatório, não foi projetado para tal uso e, ainda mais, funciona sutilmente no sentido oposto: predispõe um comportamento coletivo sem interações. Se, nos 25 anos de trabalho, 4,2 foram no trânsito, podemos dizer que o ônibus funciona como profundo dispositivo de preservação da privacidade e neutralidade, dificultando a construção de relações e processos de identificação entre semelhantes.





Até que onde eu trabalhei, eu não tenho muito o que reclamar. Nem tinha nada quebrado.

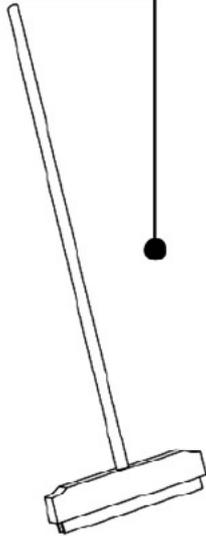
É minúsculo, você entra de frente e sai de costas. Chega a ser humilhante, né?!

O pior é estar louca para ir embora e ter que secar o banheiro inteiro antes de sair.

Não tem nem espaço pra se secar, a gente tem que deixar a roupa toda do lado de fora e depois sair pelada pra se vestir.

O negócio é que eles colocam tudo que não querem mais no banheiro da empregada. Ai se você quer usar você tem que tirar tudo pra depois colocar de novo.

Tem que tomar banho de perna aberta, se escorando na parede pra não cair.





O banheiro de empregada materializa a desvalorização do trabalho doméstico, assim como reforça as cicatrizes deixadas por uma sociedade colonial que tinha como objetivo animalizar o corpo negro. O trabalho doméstico em uma sociedade ainda em vínculos com a escravidão encontra nas dimensões espaciais, na disposição entre mobiliários fixos de higiene e na performance implícita do corpo ao se cuidar, uma ferramenta de conservação não declarada de práticas de punição.

Assim, a pergunta que emerge no fim é: como projetar diante dessa realidade espacial, marcada por uma capacidade de criar formas latentes de domínio, para que possa, ao contrário, fortalecer possíveis desvios, contra-poderes, revoluções? A pesquisa tem justamente se debruçado sobre essa questão, tanto através de projetos quanto através de uma revisão crítica sobre como "hackear" as arquiteturas do espaço metropolitano contemporâneo a fim de que produzam revoluções de dentro de suas condições ordinárias.

Agradecimentos

Os autores gostariam de agradecer imensamente a contribuição das entrevistadas para o desenvolvimento desse trabalho: Ivanilda Amancio, Vânia Ribeiro, Vandinea Costa, Maria Aparecida Padilha, Rezeni da Victória, Creusa Soares, Roselir Amancio e Lauremere Ribeiro.

Notas

1 Os dados provam a relação direta entre a condição do Brasil como último país a abolir a escravidão na América e a realidade das trabalhadoras domésticas (WENTZEL, 2018).

2 Em "Familiar Horror", Aureli e Giudici (2016) abordam sobre o desenvolvimento do espaço doméstico, particularmente sobre como a arquitetura materializa relações de domínio e opressão.

3 Em seu texto, "O projeto urbano ex-cêntrico como instrumento de política urbana", Farias (2012) analisa a morfologia do espaço periférico na região metropolitana do Rio de Janeiro, propondo cinco elementos formais que marcam o desenvolvimento do território e relações comuns na ocupação do solo.

4 Na obra "Manhã de Cape Cod" (1950), Hopper demonstra sua capacidade de nos angustiar com a tensão de um momento "entre", nos privando do entendimento de uma cena anterior

e nos impossibilitando de saber do futuro iminente pela imobilidade da pintura. Nos prende nesse eterno e angustiante “presente”, numa passividade agressiva, diante de uma cidade que se transforma e modifica a todo momento, entretanto por trás do vidro nada se pode fazer, se mantém seguro, refém. Pela janela do ônibus a velocidade suspende uma condição do “aqui e agora”, pela fusão do espaço e tempo que se planifica em uma paisagem enquadrada que se modifica a cada segundo, deformando os próprios objetos vistos, deformando o campo de visão e transformando a cidade em cores e texturas borradas, é como se as dimensões fossem esmagadas em uma só superfície (CREWDSON, 2004).

5 O espaço doméstico é um espaço de exercício das relações familiares. A relação familiar passa preservar uma hierarquia necessária para organização de uma economia patriarcal (AURELI; GIUDICI, 2016).

6 A acumulação primitiva é responsável não só por uma mudança econômica, mas por uma mudança de paradigmas filosóficos e sociais que serão responsáveis pela construção de estruturas essenciais para consolidação da sociedade moderna ocidental (MARX, 1988).

7 Em “Quarto de Despejo”, escrito por Carolina Maria de Jesus (1960, p. 33), a personagem principal é moradora da favela do Canindé, em São Paulo, e constrói uma analogia responsável por marcar a desigualdade inscrita no território: “As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de veludos, almofadas de cetim e quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo”.

Referências

- AMANN, A. A. **El Espacio Doméstico: La Mujer y la Casa**. Tese (Doutorado) – E. T. S. Arquitectura (UPM), Madrid, 2005.
- ARENDT, H. **A Condição Humana**. 10.ed. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária. 2000.
- AURELI, P. V.; GIUDICI, M. S. Familiar horror: towards a critique of domestic space. **Log**, n. 38, 2016, p. 105-129. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/26323792>>. Acesso em: 29 ago. 2021
- BENJAMIN, W. A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica. In. **Magia e Técnica, Arte e política. Obras escolhidas I**. Trad. Rouanet S. P. São Paulo:Brasiliense, 1987.
- CAPILLÉ, C.; GONÇALVES, L.; SOVERAL, T. Coletivo das infraestruturas em dependência, desencantamento e desvio. **Virus**, n. 22, semestre 1, 2021. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus22/?sec=4&item=8&lang=pt>>. Acesso em: 09 set. 2021.
- CREWDSON, G. Aesthetics of alienation. Edward Hopper II. **Tate Etc**, 1 de maio 2004. Disponível em:<<https://www.tate.org.uk/tate-etc/issue-1-summer-2004/aesthetics-alienation>> Acesso em: 14 jun. 2021.
- DOURADO, A. **O Animal Laborans e as origens do totalitarismo**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Universidade de Brasília, 2013.
- FARIAS, J. A. O projeto urbano ex-cêntrico como instrumento de política urbana. In: COSTA, L. M. S. A.; MACHADO, D. B. P. (Orgs.). **Conectividade e resiliência: estratégias de projeto para a metrópole**. Rio de Janeiro: Rio Books e PROURB, 2012.
- FOUCAULT, M. **Segurança, Território, População**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GONZALEZ, L. Cultura, Etnicidade e Trabalho: Efeitos Lingüísticos e Políticos da Exploração da Mulher. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223- 244.

JACQUES, P. B. Espetacularização Urbana Contemporânea. **Cadernos do PPG-AU/FAUFBA** especial "Territórios Urbanos e Políticas Culturais". Salvador. 2004.

JACQUES, P. B. Corpografias Urbanas. **Arquitextos**, ano 08, n. 093.07, Vitruvius, fev. 2008. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>>. Acesso em: 14 jun. 2021.

JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo** - diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

MARX, K. **O Capital**. Vol. 2. 3.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MARICATO, E. As ideias fora do lugar, e o lugar fora das ideias. In: ARANTES, O. B. F.; VAINER, C.; MARICATO, E. **A cidade do pensamento único**. Desmanchando consensos. Petrópolis: Vozes, 2000.

MATTOSO, K. de Q. **Ser escravo no Brasil**. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MBEMBE, A. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MUXÍ, Zaida. **Mujeres, Casas y Ciudades**: más allá del umbral. Barcelona: dpr-barcelona, 2018.

NOGUEIRA, Tamis. **A Cor das Empregadas**: Desigualdades de Gênero, Raça e Classe no Cotidiano do Trabalho Doméstico Remunerado do Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de ciências humanas e sociais, 2019.

SANTOS, Renato Peixoto dos. **Magé**: A Terra do Dedo de Deus. Magé: [s.n.], 1954.

SANTOS, Renato Peixoto dos. **A saga dos Ullmann**. História da cidade de Magé. - 1870-1950. Petrópolis: Editora Gráfica do Jornal da Cidade Ltda, 1988.

VAZ, Lilian Fessler; JACQUES, Paola Berenstein. Reflexões sobre o uso da cultura nos processos de revitalização urbana. In: **Anais do IX Encontro Nacional da ANPUR**. Rio de Janeiro, 2001, pp. 664/674.

VESCINA, Laura Mariana. **Paisagem em [trans] formação. Projeto Urbano e espaço metropolitano. Explorações na Baixada Fluminense**.

Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2010.

VILLAÇA, Flavio. **Espaço Intra-Urbano no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Studio Nobel:FAPESP, 2001.

WENTZEL, Marina. O que faz o Brasil ter a maior população de domésticas do mundo. **BBC**, 26 de fevereiro de 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43120953>> . Acesso em: 14 jun. 2021.

